



## RELATÓRIO FOTOGRÁFICO ATIVIDADES EM SANTO ANDRÉ/SP

Projeto *“Educação popular feminista  
para implementar políticas públicas voltadas para o  
tráfico de mulheres e meninas”*

Termo de Fomento: 865464/2018





⇒ **15/01/2019:** Evento Preparatório (Hotel Plaza Mayor)

⇒ **07/02/2019:** Painel Público (Consórcio Intermunicipal Grande ABC)

⇒ **08/02/2019:** Seminário de Capacitação (Hotel Plaza Mayor)





# REALIZAÇÃO





# APOIO



SECRETARIA NACIONAL DE  
**POLÍTICAS PARA MULHERES**

MINISTÉRIO DOS  
**DIREITOS HUMANOS**





# PARCERIA NACIONAL





# PARCERIA LOCAL SANTO ANDRÉ/SP

---





## OBJETIVOS DAS ATIVIDADES



- Contribuir para a ampliação e o acúmulo da discussão sobre o tema do tráfico de mulheres dentro do movimento feminista e na sociedade como um todo.
- Aumentar a sensibilidade da mídia e da opinião pública sobre a gravidade dessas questões, como consequência das desigualdades de gênero.
- Embasar políticas públicas de prevenção, repressão, responsabilização e atendimento às vítimas, priorizando ações voltadas para os direitos humanos.
- Considerando-se o preconceito e a criminalização das vítimas, contribuir para implementar uma dinâmica de construção/ desconstrução de conceitos-chaves relacionados ao tráfico de pessoas, com atores diversos, visando à desvinculação das leis de crime organizado e de migração.
- Aumentar a sensibilidade da opinião pública, mídia, gestores públicos e lideranças dos movimentos sociais sobre a gravidade do tráfico de mulheres como resultante das desigualdades de gênero, classe, raça, orientação sexual/identidade de gênero e geracional na sociedade, bem como do tráfico de pessoas em geral.
- Difundir amplamente as informações sobre os riscos que podem levar ao tráfico de mulheres; medidas de prevenção; o Disque 100 e o Ligue 180, da SNPM/PR.
- Fortalecer a rede de serviços contra o tráfico humano, tanto em âmbito das organizações governamentais como não governamentais e de universidades, com vistas a ampliar a luta pelo enfrentamento do tráfico sexual e, logo, da violência contra a mulher.

# Seminário Preparatório

## 15/01/2019



O seminário preparatório, que aconteceu em 15/01/2019, no salão de eventos do Hotel Plaza Mayor, reunindo a diretora-executiva da Associação Mulheres pela Paz, Vera Vieira, e cerca de vinte lideranças representantes das parcerias locais, que atuam em ONGs, órgãos públicos e universidades, é decisivo para o sucesso das atividades. Na ocasião, foi dado início ao processo de construção coletiva, em termos logísticos, metodológicos e de conteúdo.



# Painel Público

## 07/02/2019



Convite eletrônico utilizado na divulgação

**PAINEL PÚBLICO EM SANTO ANDRÉ/SP**  
**TRÁFICO DE MULHERES E MENINAS:**  
**educação popular feminista para**  
**implementar políticas públicas**

7 de fevereiro de 2019 - quinta-feira - das 19h30 às 22h  
no Auditório do Consórcio Intermunicipal Grande ABC  
Av. Ramiro Colleoni, 5, Centro, Santo André.

com a participação de lideranças e autoridades

Palestrantes: Vera Vieira (Associação Mulheres pela Paz), Eliana Vendramini (promotora de justiça), Tereza Cristina Cabral Santana (juíza da Comesp), Cláudia Luna (Elas por Elas) e Dalila Figueiredo (Asbrad).

**Realização**  
Associação Mulheres pela Paz

**Parceria Nacional**  
COPPE, Conselho Nacional de Políticas de Mulheres, ASBRAD

**Apoio**  
IBO, Consórcio Intermunicipal Grande ABC

**Parceria em Santo André/SP**  
Cesisco, Prefeitura Municipal de Santo André

# Painel Público

**07/02/2019 – Consórcio Intermunicipal Grande ABC**



Vera Vieira iniciou o painel – realizado na noite de 07/02/2019, no auditório do Consórcio Intermunicipal Grande ABC – fornecendo detalhes do projeto e as principais informações sobre a trágica realidade do tráfico de mulheres e meninas. Apresentou, também, os resultados da pesquisa inédita sobre a percepção da sociedade sobre o tráfico de mulheres, desenvolvida em parceria com o Instituto Datafolha. Eliana Vendramini, promotora de justiça, abordou a Lei 13.344/2016, específica sobre prevenção e repressão ao tráfico interno e internacional de pessoas. A juíza Tereza Cristina Cabral Santana falou sobre a contribuição da justiça à problemática. Cláudia Luna, diretora da ONG Elas por Elas Vozes e Ações das Mulheres, fez uma análise sobre o recorte étnico-racial.

Dalila Figueiredo, presidenta da Asbrad – Associação Brasileira de Defesa da Mulher, da Infância e da Juventude abordou a metodologia de atendimento humanizado, que foi desenvolvida pela ONG por ocasião da implantação do posto de atendimento ao migrante dentro do Aeroporto de Guarulhos, que se tornou política pública nacional. Ao final, houve um rico debate com o público participante.



# Seminário de Capacitação

## 08/02/2019



O Seminário de Capacitação em Santo André/SP, realizado no salão de eventos do Hotel Plaza Mayor, contou com a participação de 50 lideranças efetivas ou potenciais, que atuam junto a ONGs, órgãos do governo e universidades, conforme programação da agenda na página seguinte.



# AGENDA

## Seminário de Capacitação

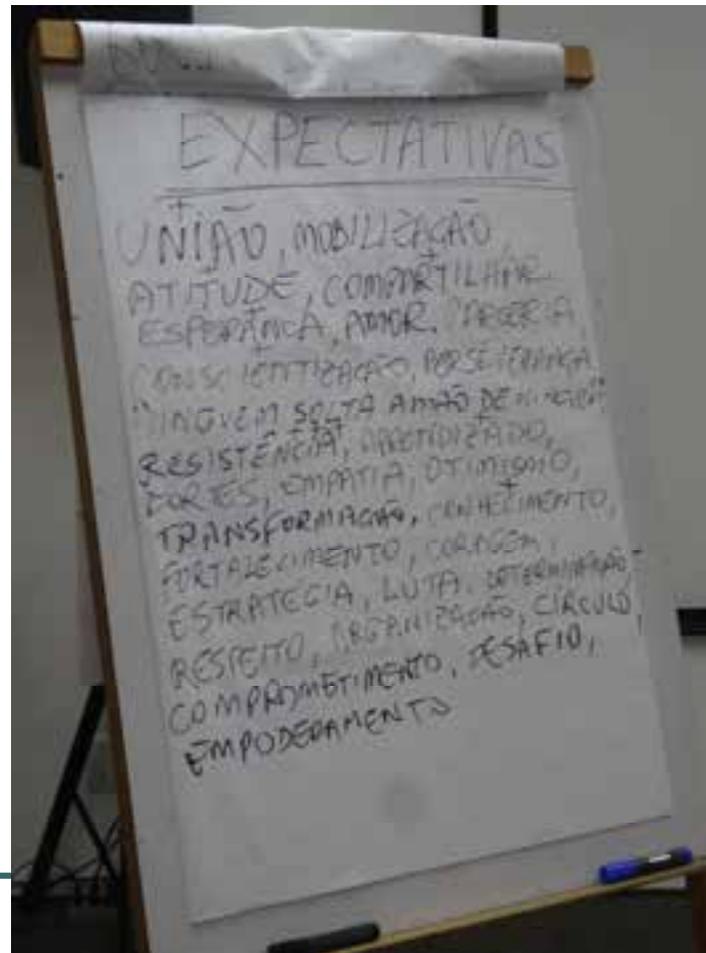


08/02/2019 – sexta-feira	
Horário	Atividade
8h30 às 9h30	Recepção, Dinâmica de apresentação e levantamento de expectativas
9h30 às 10h20	Apresentação do projeto e dos principais resultados da pesquisa nacional Percepção da Sociedade sobre o Tráfico de Mulheres (Vera Vieira – doutora em comunicação/feminismo e diretora da Associação Mulheres pela Paz) + Debate
10h20 às 11h20	Perspectiva feminista sobre a incidência de mulheres traficadas (Silmara Conchão - socióloga, professora da Faculdade de Medicina do ABC e ex Secretária de Políticas para as Mulheres de Santo André) + Debate
11h20 às 11h30	Intervalo
11h30 às 12h30	A vulnerabilidade das mulheres negras (Eliad Dias dos Santos - teóloga, pastora da Igreja Metodista, militante do movimento feminista de mulheres negras, migrantes e refugiados)+ Debate
12h30 às 14h	Almoço
14h às 15h	Orientação Sexual e Identidade de Gênero como fatores agravantes no tráfico de pessoas (Neon Cunha, ativista trans) + Debate
15h às 16h	Masculinidades na desconstrução da coisificação da mulher (Flávio Urra - psicólogo e sociólogo, mestre em psicologia social e coordenador do Programa E Agora José?) e (Reginaldo Bombini, do Fórum de Gênero e Masculinidades e do Programa E Agora José?) + Debate
16h às 17h30	Discussão em Grupos e Plenária para levantamento das recomendações de ações e políticas públicas necessárias nos diversos âmbitos (Amelinha Teles - feminista e fundadora da União de Mulheres de São Paulo; e Vera Vieira)

# As expectativas



O Seminário de Capacitação sempre tem início com a apresentação das pessoas participantes e o levantamento de expectativas, as quais são simbolizadas por palavras.

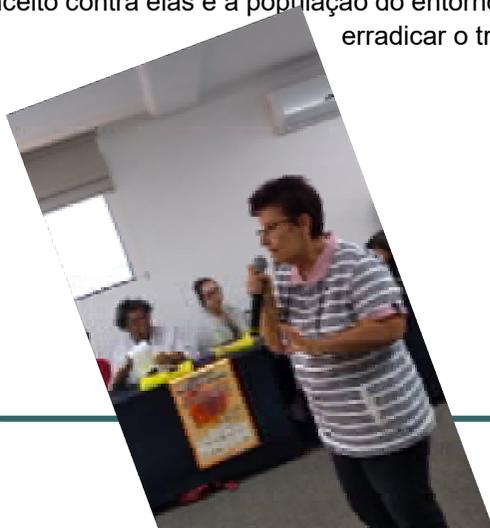


# Exposição de Vera Vieira



Vera Vieira, diretora-executiva da Associação Mulheres pela Paz, é doutora em comunicação e feminismo pela USP/ECA. Após apresentar as informações sobre o projeto, ela ressaltou que “somente no ano 2000 o problema foi reconhecido como uma questão global e transnacional significativa, por ocasião da Convenção de Palermo (promovida pela ONU). O governo brasileiro ratificou o Protocolo de Palermo em 2004 e passou a adotar algumas medidas para o enfrentamento da grave questão. As vítimas são destinadas a prostituição forçada, comércio de órgãos, trabalho escravo (em latifúndios, na pecuária, oficinas de costura e na construção civil), adoção ilegal, servidão doméstica, casamentos forçados.

Quase 83% das vítimas são mulheres para fins de exploração sexual. O crime é subnotificado por falta de informação, dificuldade em se reconhecer como vítima, vergonha, medo de vingança por parte do agressor”. Ao final, ela apresentou os principais resultados da pesquisa nacional inédita sobre a percepção da sociedade sobre o tráfico de mulheres: 96% das pessoas entrevistadas acreditam na existência do tráfico de mulheres e que isto está muito perto de nós, quando 82% percebem que a questão existe em sua própria cidade, sendo que 16% conhecem ou já ouviram falar de mulheres vítimas do tráfico. E 68% entendem que são as mulheres e as crianças, o alvo preferido dos traficantes de seres humanos. 43% das pessoas entendem que o tráfico se dá com o consentimento das vítimas. A maioria entrevistada (80%) acredita que as vítimas procuram uma vida melhor. Um pouco mais da metade (55%) acha que as vítimas querem uma vida fácil. 99% apontam a denúncia contra o tráfico como um fator relevante para o enfrentamento da questão. No entanto, 93% das pessoas entrevistadas ponderam que as vítimas que denunciam o tráfico correm o risco de serem assassinadas. Falta informações sobre a questão, reclamam 87% dos entrevistados. 66% entendem que a mídia informa sobre o tráfico apenas sob o enfoque criminal o que reforça a culpabilização de suas vítimas e as expõe de forma estigmatizada, agudizando ainda mais o preconceito contra elas e a população do entorno acaba por querer se afastar do problema, evitando assim de dar contribuição para prevenir e erradicar o tráfico humano. Por outro lado, 17% se acham bem informados.



# Exposição de Silmara Conchão



“ Perspectiva feminista sobre a incidência de mulheres traficadas” foi o tema a cargo de Silmara Conchão, socióloga, professora da Faculdade de Medicina do ABC e ex secretária de políticas para as mulheres de Santo André.

Silmara chamou a atenção para a necessidade de saber mais, para ampliar a capacidade de desenvolver uma leitura apurada da realidade. “Desde a redemocratização não tínhamos visto uma disputa eleitoral com reações tão exasperadas no Brasil. As eleições de 2018 mostraram a emergente necessidade de fortalecer os nossos laços, os nossos ideais de sociedade, bem como a nossa percepção de mundo. O convite é para que compreendamos com consciência de gênero, raça e classe, a gravidade deste tipo de violência silenciada e sustentadora de um mecanismo perverso de um sistema naturalizado e desigual”, enfatizou ela.

Silmara reforçou a importância da interseccionalidade como perspectiva de análise do tráfico de mulheres e meninas.



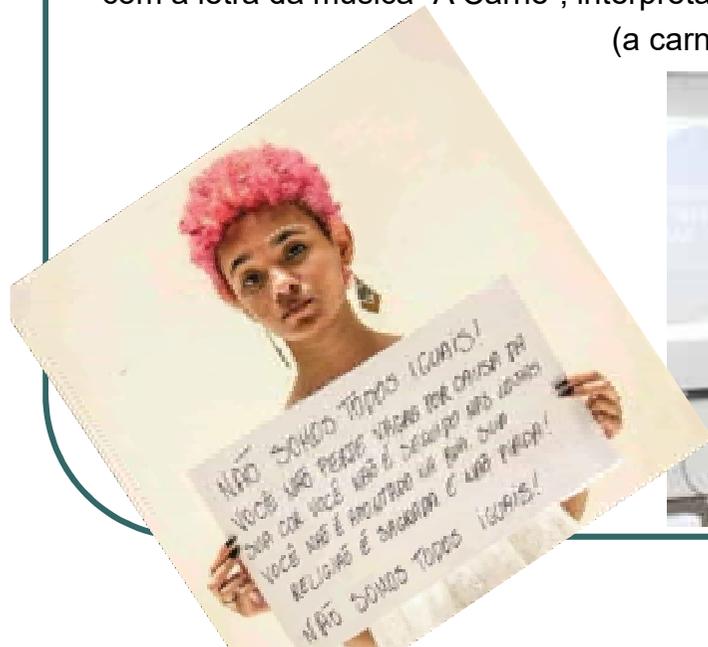
# Exposição de Eliad Dias dos Santos



“A vulnerabilidade das mulheres negras” foi o tema abordado por Eliad Dias dos Santos, que é teóloga, pastora da Igreja Metodista, militante do movimento feminista de mulheres negras, migrantes e refugiados.

Ela suscitou reflexões e debates a partir de algumas frases, como a de Angela Davis, “numa sociedade racista, não basta não ser racista, é necessário ser antirracista”, a do grupo Mulheres Negras-Yzalu, “enquanto mulheres lutam contra o machismo, as negras duelam para vencer o machismo, o preconceito e o racismo”, e a de Luíza Bairros, “a questão de classe nunca foi questionada como um produtor de hierarquia no Brasil, o que é questionado é a capacidade de racismo e sexismo estruturarem a sociedade brasileira”. Eliad também apresentou o Atlas da Violência 2018, que mostra o peso da desigualdade racial (por exemplo, a taxa de homicídios de negros é de 40,2%, enquanto que a de não negros é de 16%).

Depois de falar sobre a incidência de mulheres negras vítimas do tráfico de pessoas, Eliad encerrou sua apresentação com a letra da música “A Carne”, interpretada por Elza Soares, de autoria de Seu Jorge, Marcelo Yuca e Wilson Capellette (a carne mais barata do mercado é a carne negra)



# Exposição de Neon Cunha



“Orientação sexual e identidade de gênero como fatores agravantes no tráfico de pessoas” foi o tema apresentado por Neon Cunha, que é ativista trans. Ela iniciou sua apresentação lembrando trecho da Constituição Brasileira: “Art.5º Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, nos teremos seguintes: II- ninguém será obrigado a fazer ou deixar de fazer alguma coisa senão em virtude da lei; III- ninguém será submetido a tortura nem a tratamento desumano ou degradante. Inciso 3º Os tratados e convenções internacionais sobre direitos humanos que forem aprovados, em cada Casa do Congresso Nacional, em dois turnos, por três quartos dos votos dos respectivos membros, serão equivalentes às emendas constitucionais”.

Neon explicou que “identidade de gênero consiste no modo como o indivíduo se identifica com o seu gênero. Em suma, como a pessoa se reconhece: homem, mulher, ambos ou nenhum dos gêneros. Cisgênero - identificação com o gênero de nascimento; transgênero - identificação com o gênero oposto ao do nascimento; não-binário - a mistura entre masculino ou feminino, ou total indiferença entre ambos; intersexual - pessoa com variação de caracteres sexuais, dificultando a identificação com um dos gêneros. Já a orientação sexual, que é diferente de identidade de gênero, se refere aos desejos, à afetividade e às práticas sexuais”.

Neon enfatizou que o Brasil é o país que mais assassina a população LGBT no mundo: “além das mortes diretas, a transfobia e a homofobia também são responsáveis indiretas por mortes entre a população LGBT, como a tentativa de suicídio entre jovens que é quatro vezes maior que entre a população jovem heterossexual”.



# Exposição de Flávio Urra e Reginaldo Bombini



“Masculinidades na desconstrução da coisificação da mulher” ficou a cargo de Flávio Urra, que é psicólogo, sociólogo, mestre em psicologia social e coordenador do Programa E Agora José, e de Reginaldo Bombini, do Fórum de Gênero e Masculinidades e do Programa E Agora José. Inicialmente, eles descreveram os projetos que vêm desenvolvendo com homens na difícil tarefa de desconstruir os estereótipos sexistas, em busca de uma sociedade mais equitativa. “A metodologia do trabalho se caracteriza pela socialização masculina focada no grupo de homens, ausência de espaços não machistas, identificação com os pares e facilitadores como referência de discursos e práticas não machistas”, explicaram. Em seguida, foi proposto trabalho em grupo, com uma discussão para cada: como os homens coisificam a mulher; ouvir as mulheres / educação como igualdade / mudança de cultura nas instituições; o que é coisificação; como é construída a masculinidade tóxica; o que é ser homem. A dinâmica suscitou reflexões e discussões enriquecedoras.



# Recomendações de Ações e Políticas Públicas nos diversos âmbitos



- ↳ “Tráfico de Pessoas” – seja tema obrigatório na formação de todos(as) os(as) profissionais (Ex: Agentes de Segurança Pública).
- ↳ Resgatar iniciativas de políticas públicas de governos anteriores (Casa de Passagem em São Paulo).
- ↳ Criar/Fortalecer núcleo local/regional de enfrentamento ao tráfico de pessoas.
- ↳ Criar condições para realizar ações de auto-cuidados de integrantes da rede.
- ↳ Garantir o debate sobre o tema com as PLPs.
- ↳ Questionar o silêncio do disque 100.
- ↳ Por que o Ministério Público, a Defensoria Pública não têm núcleos de enfrentamento do tráfico de pessoas (criar).
- ↳ Investir na produção qualitativa do conhecimento e ações práticas sob a perspectiva de gênero, raça/etnia e classe social.
- ↳ Garantir nos debates participantes de instituições religiosas (considerar a laicidade do estado).
- ↳ Criar condições para dar visibilidade à questão.
- ↳ Promover o debate sobre a regularização da prostituição.
- ↳ Fazer contato com a Defensoria da União e do Ministério Público Federal/formar grupo interministerial.
- ↳ Levar o tema às Conferências bienais da Defensoria Pública.
- ↳ Preparar e discutir com os serviços de atendimento de mulheres em situação de violência o tema do tráfico.

# Recomendações de Ações e Políticas Públicas nos diversos âmbitos



---

- ↳ Dialogar com profundidade com as pessoas mais vulneráveis.
- ↳ Incluir metodologia que trate o tráfico de pessoas trans de forma qualitativa e quantitativa.
- ↳ Incidir para o pleno funcionamento e a continuidade de Centros de Referência e outros serviços, principalmente através do CMDM.
- ↳ Papel das Universidades na discussão e aprofundamento da temática na formação.
- ↳ Desenvolver atividades de prevenção/multiplicação.
- ↳ Desenvolver ações de Educomunicação.
- ↳ Desenvolver as propostas e as Políticas Públicas de forma não binária, de modo que inclua e dê visibilidade a todas as pessoas, suas identidades de gênero e suas orientações sexuais, bem como cobrar do Poder Público pesquisas quantitativas e qualitativas sobre os grupos mais vulneráveis (principalmente da população LGBT).
- ↳ Buscar canais de diálogos com a OAB para que suas Comissões possam ir às escolas (de mulher e de afrodescendentes), para que abordem o tema de tráfico de pessoas mulheres e meninas junto à população.
- ↳ Cobrar regulamentação e fiscalização das propagandas que objetificam a mulher.

# A Equipe



A Associação Mulheres pela Paz contou com os esforços de Walkíria Ferraz, Rodrigo Perini, Vera Vieira e Amelinha Teles.

Registre-se o empenho das lideranças representantes das parcerias locais, sem o que não seria possível o sucesso das atividades.

